

### **Jeffrey Nyquist e Alex Benesch**

Olá, aqui é Jeff Nyquist com mais uma edição de *Amigos e Inimigos*. Estou nos Estados Unidos. Meu coapresentador, Alex Benesch, está na Alemanha, e hoje vamos falar sobre as tarifas de Trump. Claro, houve uma pausa esta semana nas tarifas, e descobri que até mesmo navios chineses a caminho dos Estados Unidos estão isentos. Então, isso é interessante.

Alex, diga o que você acha dessas tarifas e para onde elas estão indo. Quais são as novidades que você tem?

Certo, deixa eu passar aqui para a minha parte. Na verdade, coloquei essas anotações no capítulo “guerra”, porque acho que isso é obviamente mais do que apenas economia. Há quem diga que se trata de um “desacoplamento” dessas economias — a americana e a chinesa — e os fundamentos disso são bastante notáveis.

Estamos falando de produtos, brinquedos, vestidos, lustres, móveis, utensílios de cozinha e itens de churrasco que chegam aos Estados Unidos todos os anos. Não estou brincando: brinquedos de pelúcia, vestidos, lustres. Os EUA exportaram 143 bilhões de dólares em bens para a China em 2024, enquanto 438 bilhões de dólares em produtos foram no sentido inverso.

Agora, é claro, o governo Trump diz que quer ajudar a trazer mais manufatura de volta aos EUA, criando empregos no país e estancando o fluxo de dinheiro americano para a China — o que seria, em teoria, uma reversão dos desastrosos desdobramentos que vimos quando Henry Kissinger finalmente conseguiu convencer o presidente Nixon a cometer aquele erro fatal, depois de dez anos de encenação por parte dos russos e dos chineses, quando fingiam se odiar e querer ir à guerra.

A Goldman Sachs estima que entre 10 e 20 milhões de empregos em fábricas chinesas estão voltados para atender à demanda dos consumidores americanos por utensílios domésticos, brinquedos, os mais recentes gadgets eletrônicos e outros produtos importados.

Então, todos esses relatórios — e tenho aqui as estatísticas — mencionam brinquedos de pelúcia, vestidos, lustres, móveis, itens de cozinha e de churrasco. Muitos desses produtos são inúteis, ou poderiam ser fabricados domesticamente ou em outros lugares. Grande parte disso é, na verdade, desperdício de dinheiro. Os americanos estariam em melhor situação se gastassem esse dinheiro de outra forma, ou se investissem, por exemplo, em um fundo de índice ETF ou algo do tipo.

Tenho aqui a lista atual no topo disso. São as exportações da China para os Estados Unidos. No topo — 124 bilhões de dólares — estão equipamentos elétricos e eletrônicos.

Espere um segundo. Este monitor aqui, este monitor preto, é da Samsung. Essa é uma empresa da Coreia do Sul. Não sei exatamente onde é fabricado; pode ser montado na China. Mas esse produto, essa marca — Samsung — é sul-coreana.

Agora, este aqui é da LG. Não tenho certeza — a LG é uma marca americana? *Life's Good*. Não sei. Talvez também seja coreana. Pode ser do Texas, não me lembro.

E algumas dessas placas-mãe — esta máquina aqui e aquela ali — têm componentes principais da ASUS. Acho que essa é uma empresa americana. Sempre compro minhas placas da ASUS.

Alguns chips usados nessas placas e algumas placas adicionais são feitos pela Texas Instruments. Há um projetor ali — o público não pode ver, mas está lá no teto. É um projetor que usa o chip DLP, fabricado pela Texas Instruments.

O que mais temos? Telefones. Tenho aqui um celular Samsung novamente — é da Coreia do Sul. Há um iPhone 14, da Apple — essa é americana. E ali atrás há outro iPhone. De novo, foi montado na China, na fábrica da Foxconn, seja como for, mas ainda é uma empresa americana, certo?

O que mais? Caixas de som Mackie — Mackie pode ser americana, não tenho certeza. A placa de captura que estou usando agora para este sinal de câmera — a placa de captura é da Blackmagic Design. Essa é uma empresa americana. A câmera ali também é uma Blackmagic. É uma câmera americana.

A lente é uma Zeiss vintage — alemã. Temos também um equipamento da Universal Audio — aquela caixa ali que processa meu áudio é da Universal Audio. É uma interface Volt. Também é uma empresa americana. Não sei onde é montada.

Há um monitor ASUS ali. Meu roteador — acho que é um produto alemão. Então, é, na verdade não tenho nada aqui que seja realmente de uma marca chinesa. Mas, sabe, muitas peças desses produtos são fabricadas na China.

Sim, e peças de matérias-primas também. Exatamente. Mas há outra coisa — li um relatório, ou melhor, um estudo...

Era sobre segurança cibernética, certo? Digamos que uma empresa como a Universal Audio diga: “Colocamos essas pequenas placas nessas caixas, e elas precisam de um número específico de chips específicos que são soldados à placa.” Então, eles contratam uma empresa para fabricar um chip específico e os *dies* que estão dentro dele.

Essa empresa subcontratada, por sua vez, contrata outra empresa, que contrata outra empresa, e isso acaba se tornando um sistema intrincado que envolve riscos de segurança. Às vezes, não está claro quem realmente montou aquele chip.

E também, você sabe, os chineses estão usando — ou têm usado — produtos da... como é mesmo o nome? TSMC ou TMSC. Então, novamente, outra pessoa poderia montar essas coisas. Outra pessoa poderia fabricar esses chips. E é assim: se for uma empresa americana, ou uma empresa sul-coreana, isso pode ser substituído. Podemos obter chips de outros lugares.

Agora, eu acho que a TSMC, ou TMSC, já se mudou para o Ocidente. Eles agora têm fabricação de chips no Ocidente, então é possível substituir isso.

Então, esse é meio que o item mais importante da lista: equipamentos elétricos e eletrônicos. O próximo é maquinaria e reatores nucleares, caldeiras. Quero dizer, a

GE não fabrica reatores nucleares? Acho que sim, não sei. Sim, acho que a General Electric ainda fabrica essas coisas. E talvez a Siemens ainda fabrique essas coisas também. E há algumas outras empresas que realmente produzem reatores nucleares e maquinário.

Quer dizer, eu moro na Alemanha. Nós vivemos de máquinas, sabe? Fazemos todo tipo de máquinas, peças e componentes.

Então, sim, isso pode ser...

— Você é bem americano nesse sentido.

— Sim, isso pode ser substituído. Então, não precisamos comprar nada da China.

Próximo item. Certo, o último — o de maquinário — era de 88 bilhões. 88 bilhões. Próximo: móveis, iluminação, letreiros e construções pré-fabricadas — 30 bilhões.

— Você possui 30 bilhões em construções pré-fabricadas?

— Sim, construções pré-fabricadas, iluminação, letreiros e móveis. Você tem móveis chineses?

— Eu não tenho.

— Bem, não. Meus móveis são feitos sob encomenda. Feitos nos Estados Unidos. São bem caros, alguns dos meus móveis. Eu sempre tento comprar produtos americanos.

— Ah, estou curtindo as estantes, cara. Estou gostando muito das suas estantes.

— E elas não são chinesas.

— Acho que esta mesa não é chinesa. Bem, as estantes pretas foram feitas pelos amish — são feitas pelos amish. Esta aqui atrás de mim, acho que foi feita... acho que na Flórida.

Mas enfim, é isso, sabe? Se você quer qualidade — mas se for comprar algo barato — acho que móveis podem ser feitos na China. Aquela empresa sueca, sabe, que você mesmo monta.

Embora eu tenha que admitir, tenho algumas coisinhas baratas. Tipo, tenho um suporte de TV e é... é, provavelmente feito na China.

— É.

— Ou talvez você nem saiba exatamente, porque não dá pra comprar um móvel de

qualidade por esse preço.

— É. Mas também... é. Mas também, quando falamos de móveis, ele provavelmente está se referindo... Quer dizer, da última vez que estive numa dessas lojas da IKEA, vi muitos produtos que poderiam ter sido feitos na China, ou que pareciam com outros claramente feitos na China, ou rotulados como “Made in China”.

Então, sim, isso é algo novo. Sabe, eu tive um móvel da IKEA — anos atrás, quando eu tinha uns 20 e poucos anos, comprei uma estante da IKEA, e era... bem, eu era muito pobre. Eu era um estudante de pós-graduação, estava quebrado, e comprando um monte de livros, então pensei: “Bom, é sueco, tanto faz.”

E claro, dá aquele trabalhão pra montar, né? Você tem que achar todos os furos. E claro, eu sou... você me dá uma chave inglesa e eu tremo. Já fiz encanamento, já fiz algumas coisas, mas... sabe, normalmente a água acaba espirrando no meu rosto em algum momento, e aí eu tenho que chamar um encanador de verdade.

Isso realmente aconteceu. Mas não foi culpa minha, certo? Porque era só um cano podre. Não foi culpa minha. Era uma casa velha e fraca. No domingo de manhã, fui abrir a água de novo. Tinha trabalhado nisso o sábado todo. Troquei a caixa do vaso sanitário.

Mas enfim, a questão é que, com essa estante da IKEA que eu comprei, eu estava tão orgulhoso dela. Parecia bonita, mas quando me mudei para Michigan e a desmontei...

— Não, não, eu a mudei, e ela entortou. Um amigo meu veio em casa, olhou pra estante e ela estava meio caída pro lado esquerdo. Ele disse: “Isso está ruim. Você vai ter que trocar.” Foi aí que comprei as estantes dos amish.

Elas são realmente sólidas e pesadas, mas não entortam.

Se você é jovem e está com dificuldades financeiras, existem móveis antigos. As pessoas doam coisas. As pessoas até doam móveis com 50 anos que ainda têm um visual bacana, sabe? São de madeira maciça. Dá pra aproveitar e não comprar móveis chineses.

Então, essa parte da iluminação — você deve evitar os produtos chineses. Deve comprar com intenção.

Foi interessante — depois do colapso de 2008, eu não conseguia mais comprar... eu era um cara de canetas-tinteiro quando era garoto. Aprendi no ensino fundamental a beleza de uma caneta-tinteiro. Canetas esferográficas acabam. Agora, essas aqui são um pouco melhores — as Sharpies, as roller pens — são bem boas.

Mas eu pensei: “Quer saber? Eu simplesmente adoro a sensação de escrever com uma caneta-tinteiro, o jeito como a tinta flui. Eu gosto das linhas grossas. Gosto mesmo de linhas grossas quando escrevo. Gosto de poder vê-las claramente na página.”

E então, eu sempre tive canetas-tinteiro, e elas eram fabricadas nos Estados Unidos quando eu estava no ensino fundamental e no ensino médio — sempre. E na faculdade, eu sempre escrevia com uma caneta-tinteiro. Eram maravilhosas, e usavam pequenos cartuchos. Pareciam vir em caixinhas como esta aqui, sabe? É, esta é uma francesa — Waterman, certo? Mas eram... Sheaffer era a marca que as fabricava, a empresa americana, quando eu era... e então, de repente, eles pararam de fabricá-las.

E então, você sabe, com o tempo, a ponta estraga, enferruja, essas coisas. Então eu saí — acho que foi nos anos 1980, talvez no fim dos anos 80 — fui à loja pensando: “Bom, preciso de uma caneta-tinteiro nova, porque as minhas antigas não funcionam mais.” Eu adorava fazer anotações. Comprava caderninhos e escrevia neles.

E então, custava, sei lá, uns vinte e poucos dólares. E todas eram feitas na China. As francesas eram feitas na China. As alemãs eram feitas na China. As americanas eram feitas na China. E eu pensei: “Ok, vou encarar,” porque, sabe, quando eu era criança, eu podia comprar uma por cinco dólares, ou US\$ 4,99. Eram maravilhosas. Você via a precisão do trabalho — as americanas eram impecáveis.

Comprei uma dessas chinesas e levei pra casa. Logo ao tirar da caixa, ela falhava. Não escrevia. A tinta não fluía. Tentei fazer funcionar — não consegui. Então fui lá e gastei mais vinte dólares numa francesa feita na China — também não funcionava.

Então, fiquei anos sem usar canetas-tinteiro, até que, finalmente, com a crise de 2008, vi numa papelaria uma caneta-tinteiro feita nos Estados Unidos novamente. E pensei: “Meu Deus, eu preciso disso. Feita na América — eu tenho que comprar.”

E comprei, e ela funcionou perfeitamente assim que saiu da caixa. A tinta fluía lindamente, e usei por anos — elas duram cerca de quatro ou cinco anos. E então pensei: “Bem, vou comprar outra.”

Pois é, estavam todas feitas na China de novo, porque naquele momento — não sei, por volta da crise de 2008 — alguém achou que ia fabricar canetas aqui, mas acho que não venderam o suficiente.

E, claro, descobri as japonesas. Então, comprei canetas japonesas — e elas funcionam. Mas não sei se são realmente feitas na China, ou se os japoneses são simplesmente melhores em fazer os chineses produzirem direito. Não sei.

Mas, sabe, quando a China fabrica algo, não funciona tão bem. Porque manufatura é um processo complicado, e se você já viu um processo de fabricação, sabe que exige precisão e planejamento. Existem pessoas envolvidas na produção que têm quase um sexto sentido para isso, certo?

Vi uma pequena reportagem documental sobre uma fabricante alemã de armas — bastante famosa internacionalmente — a Heckler & Koch. Acho que eles são do sudoeste da Alemanha.

Mostravam o processo de fabricação. Tinham todas aquelas máquinas sofisticadas, o fresamento CNC — o maquinário padrão que se usa. Mas também havia um sujeito que pegava os canos — eles têm essas ranhuras hexagonais ou poligonais em alguns desses canos — começaram a fazer isso.

Então, eles fabricam esses canos de precisão, mas há esse homem que, depois que os canos ficam prontos, simplesmente os pega, toca neles, observa, e parece ter esse senso quase mágico de perceber: “Ok, tem um aqui no lote que não está certo.”

Quer dizer, eles têm todo o equipamento de medição, todas as ferramentas, mas mesmo assim passam cada cano pelas mãos desse cara por algum motivo.

E é isso. É assim que funciona. Você não pode simplesmente mover as máquinas para a China.

— Bem, vou dizer uma coisa. Claro, com o passar das gerações, estamos perdendo nossa cultura — nossa cultura de excelência. Claro, eu sou descendente de suecos, e algo muito interessante na minha infância é que meus avós eram fazendeiros e criadores de gado, como a maioria das pessoas era, mas também tínhamos professores na família e pessoas com certas habilidades. Meu tio-avô era carpinteiro. Ele foi soldado na Primeira Guerra Mundial — meu tio Albert.

Mas o perfeccionismo que havia na minha mãe, que havia no meu pai — meu pai era cineasta. Ele dirigia filmes. Começou como editor na ABC Television em Chicago. Ele trabalhava no porão; ele tinha seu... naqueles tempos, o filme passava por um aparelho. Você girava uma tela e via a imagem, a câmera dentro de um dispositivo. Ele tinha uma grande engenhoca no porão, o seu próprio escritório lá embaixo.

Chamava-se *flatbed* — acho que o nome era máquina de edição *flatbed*, sim, algo assim. Eu achava fascinante. Eu pegava os rolos de filme. Ele cortava o filme — naquela época era tudo em película — e cortava os pedaços para editar. Ele literalmente cortava o filme. Ah, sim, claro, agora é tudo eletrônico, mas é daí que vem o termo — aliás, se as pessoas não sabem — quando você tem um programa de edição digital hoje em dia, certo? E há uma janelinha onde ficam os cliques de origem que você pode montar na linha do tempo, essa janela de origem ainda é chamada de “bin” (“cesto”) porque eles usavam cestos de lixo de alumínio com um revestimento de plástico.

Você podia colocar as pequenas tiras de filme que já tinha pré-cortado na borda daquele cesto. Por isso ainda se chama “bin” (cesto). Eu cresci com isso em casa, no porão, quando morávamos na região de Chicago, em Elgin. Foi aí que meu pai começou. Mas a dedicação dos mais velhos, quando eu era criança, ao perfeccionismo — quando você tinha que realizar qualquer tarefa, fosse cortar a grama ou qualquer outra coisa, sendo criança, fosse qual fosse a tarefa doméstica, lavar a louça — esperava-se que você atingisse um certo padrão.

E era — sabe — “a limpeza está próxima da divindade”. Isso nos era enfiado. Era quase — bem, às vezes era duro, certo? Então, claro, eu vi isso em ambos os lados da família, nos meus tios-avôs e tias, e no cuidado com a comida. Você pode se envenenar com comida muito fácil — um lote ruim de maionese deixado fora. Tem que ter muito cuidado.

E, claro, com esses produtos industriais — você fala dos alemães e dos chineses — o cuidado que se coloca neles. Você tem uma sociedade na China, e os russos têm problema semelhante, em que as pessoas são maltratadas e os patrões não se importam. Isso se reflete nos trabalhadores — eles não se importam. Há o slogan soviético: “Nós fingimos trabalhar e eles fingem nos pagar.”

E você olha o modo — e você falou sobre armas — minha arma curta favorita é uma Beretta, e é um instrumento de muita precisão. Dá para notar, sabe? Ela é grande demais para minha mão. É grande demais para— não, não, elas são pequenas. Minhas mãos são relativamente pequenas.

— São mesmo? Suas mãos são pequenas?

— Sim. Sim. Eu atirei — atirei com uma Beretta — como é o nome? A 9, a Beretta 92 FS, 9 mm. A 9 mm. É, com o gatilho puxando, eu penso, adoro essa arma, mas minhas mãos são pequenas demais.

E acho que eles não fizeram uma versão em que você pudesse trocar a placa traseira, as tiras, para reduzir a empunhadura. Acho que não havia isso na época. Então, infelizmente, essa não era a arma para mim. Mas era — eu podia, no estande, pegá-la fria e acertar o centro do alvo porque tinha uma boa mira e tudo nela era muito bem feito. Tinha uma boa sensação.

Mas o ponto é que você tinha que limpá-la. É preciso limpar porque ela emperra se você não mantiver lubrificada e limpa. É um instrumento de precisão e tem que ser tratado direito. Tem que ser tratado com o tipo de perfeccionismo que a fez. Mas aí existem outras armas mais rústicas com as quais você não precisa ser tão zeloso.

Tive um amigo que queria comprar uma pistola. Isso foi nos anos 90, quando comprei minha Beretta. Ele queria uma; não queria gastar tanto. Quero dizer, Beretta é uma arma muito cara. Não lembro quanto paguei na época, mas acho que hoje em dia elas custam bem mais de US\$ 1.000.

Enfim, ele queria uma e estavam vendendo pistolas chinesas. Você podia pegar uma por tipo cinquenta dólares, uma pistola chinesa. Eu pensei, quer dizer, modelos mais antigos, tipo os revólveres do Exército de Libertação Popular da China, certo? Eles as vendiam em massa. Na época comprei um AK, um AK-47, mas ele pegou essa pistola chinesa e as lojas de armas estavam cheias dessas coisas da China e da Rússia nos anos 90.

Então fomos ao estande de tiro e ele tirou aquilo, e no primeiro disparo — emperrou. Mesmo limpa, emperrou logo de cara. Simplesmente emperrou. A bala travou. Limpamos o enguiço e conseguimos fazer disparar umas duas vezes, mas ficava emperrando o tempo todo. Você não quer uma pistola que emperre tanto quando está limpa, sem uso, lubrificada e limpa.

Bem, segundo estatísticas soviéticas, fabricavam uma arma. Se funciona ou não, isso é problema do soldado. Mas cumpriam a cota — fabricavam um número específico de armas. Dá para notar, certo? Dá para notar olhando essas armas chinesas e também o AK-47, comparado ao AR-15 ou a uma arma americana equivalente. É o usinamento, a precisão — tudo isso. É mais bruto agora. É mais simples; é mais barato. É uma arma muito mais simples, uma arma mais barata, mas não é tão bem acabada.

Isso é interessante. Você passa para tanques, mísseis, aeronaves — há alguma vantagem no que russos e chineses fazem: a vantagem de custo, o fato de poderem fabricar mais. Mas quando você entra em armamento mais avançado como o que temos hoje, eles são quase varridos. Há uma razão — e, claro, aqui o exército ucraniano é em parte um exército soviético porque foi o exército soviético, mas recebeu upgrades.

Você sabe que a OTAN atualizou — deram treinamento, deram formas de fazer as coisas, maneiras da OTAN — não totalmente no exército ucraniano, mas ainda assim isso fez com que haja uma razão de mortes de sete para um. Ou seja, você tem 50.000 ucranianos mortos e 350.000 russos mortos depois de três anos de guerra. Quaisquer que sejam os números agora, isso são os mortos, não os feridos.

E se você voltar à Guerra Civil Russa, voltar à Segunda Guerra Mundial — especialmente ao primeiro ou segundo ano da campanha no Leste, conduzida pelos

alemães — você tem essa proporção de sete mortes russas para cada morte alemã. E, claro, os russos acabaram vencendo porque, nas fases posteriores da guerra, a linha de defesa alemã estava muito mal protegida. Os alemães começaram a perder. Você sabia que metade dos alemães que morreram na Segunda Guerra Mundial morreu depois de 1º de janeiro de 1945?

— Sério? —

— É. E o motivo é que os alemães não tinham combustível nem munição suficientes para que suas unidades funcionassem de forma eficiente. Então, quando você não tem suprimentos e ainda luta até a morte... você morre. Fica sem munição — está morto.

Há registros históricos de casos de espionagem entre alemães e franceses. Isso foi na Primeira Guerra Mundial, e até antes dela — acho que na guerra de 1870, mais ou menos por aí. Foi quando surgiu uma nova série de rifles. Não lembro exatamente dos detalhes, mas eles tinham um novo rifle — acho que os alemães — e era uma melhoria significativa em relação aos modelos antigos, porque era preciso até, o quê, 400 metros, não mais 200 como antes, ou talvez ainda mais preciso em 400 e 200. Os antigos não podiam disparar a 400 metros de distância, e isso mudou a guerra, porque agora você podia ficar mais longe e ainda acertar o inimigo.

Houve um caso de espionagem intrincado, em que uma faxineira foi recrutada e roubou papéis do cesto de lixo. Assim, os franceses descobriram esse novo rifle, e mandaram alguém roubar dois ou três exemplares. Os alemães ficaram furiosos e tentaram montar uma operação de contraespionagem para rastrear esses rifles desaparecidos e encontrar as pessoas que os roubaram e transportaram, porque queriam impedir que as armas chegassem aos franceses.

E então, acho que foi na guerra de 1870, quando alguns franceses se renderam, eles basicamente disseram aos generais alemães: “Ah, vocês só venceram por causa dos seus novos canhões, os novos canhões de artilharia feitos de aço especial, aço cop”, e coisas assim. Então é meio que isso — a precisão tem uma influência enorme na guerra. Ela permeia tudo; essa mentalidade de precisão permeia tudo.

— É, de fato. E é por isso que você tem um país como a Alemanha — e acho que isso é talvez uma característica das pessoas que vivem no extremo norte. Os escandinavos também têm isso; vivem no frio. Embora os russos também vivam no frio, eles têm um solo pobre e são uma sociedade bastante desmoralizada. Já faz muito tempo que é assim. Mas para esses povos, se você não for preciso nos seus cálculos, você não sobrevive ao inverno. Você morre, certo?

— Mas isso é interessante. Certo, então... ideia interessante. Próximo item da lista: brinquedos, jogos e artigos esportivos — trinta bilhões. Isso é o que vem para os Estados Unidos, para a América, da China todo ano até agora.

— “Ah, mas você não vai deixar o Fluffy ter o brinquedinho dele?”

— É. Quero dizer, bichos de pelúcia, brinquedos, jogos e artigos esportivos.

— “O que são artigos esportivos? O que eles querem dizer com isso?”

— Não sei — bolas, beisebols, itens esportivos, certo?

— É, é.

— “Ok, conjuntos de badminton.”

— Exatamente. Coisas que qualquer outro poderia fabricar — isso faz parte desse enorme déficit comercial.

Próximo: 23 bilhões em plásticos. Sério? Plásticos? Quero dizer, os alemães dominam os plásticos. De onde eu venho, havia uma enorme fábrica que produzia itens plásticos avançados para automóveis, como painéis. E depois começaram a fabricar — como é que se chama — o material usado em pistolas e rifles? Polímeros. Os tipos avançados de plástico, usados em armas como a pistola Glock, em que o cabo é feito de polímero.

Muitos países conseguem fabricar produtos de plástico. São 23 bilhões vindos da China.

Próximo: 18 bilhões em artigos de vestuário tricotados ou de crochê — basicamente, roupas.

Certo, acho que praticamente qualquer um pode fabricar roupas hoje em dia. Não precisamos da China para isso.

Depois, há 18 bilhões em “mercadorias não especificadas segundo o tipo”.

Ou seja, basicamente coisas genéricas — 18 bilhões em veículos que não são ferroviários ou de bonde. Então, carros — talvez carros elétricos. Digo, nós podemos fabricar carros elétricos. Veículos que não são... Não, talvez carrinhos de golfe. É, sabe...

Próximo, temos artigos de ferro ou aço — 13 bilhões. Ok. Ei, quer dizer, 13 bilhões em aço. Bem, nossas indústrias siderúrgicas não estão produzindo tanto. E as de vocês? A indústria do aço na Alemanha é protegida? Vocês ainda fabricam aço na Alemanha?

Ah, a **ThyssenKrupp**, eu acho. Acho que a fusão da **Thyssen** com a **Krupp** — acho que elas ainda existem. Então, ainda produzem aço. Não tenho certeza do que exatamente produzem hoje. Teria que verificar. Mas é isso — acho que elas se fundiram em algum momento, Thyssen e Krupp.

— E, bem, sinal ruim quando empresas se fundem — significa que não conseguem lucrar o suficiente sozinhas.

— É, essa é uma possibilidade bem real aqui.

Agora, temos... é, mais roupas — **12 bilhões**. Depois temos quase **12 bilhões** em aparelhos ópticos, fotográficos, técnicos e médicos. Certo, não precisamos da China pra isso. Outro **10 bilhões** — outros artigos têxteis manufaturados, conjuntos, roupas usadas. Sério?

Depois vem calçados, polainas e semelhantes — **9,45 bilhões** em calçados.

Próximo: **7,4 bilhões** em produtos químicos orgânicos.

Depois: **6 bilhões** em artigos de couro.

E continua — ferramentas, talheres, pele de pássaros, penas, flores artificiais, cabelo humano, vidro e artigos de vidro, alumínio, produtos de papel, cerâmica, madeira — **3 bilhões**.

Borrachas, pérolas, tabaco — sério, **2,3 bilhões** em tabaco?

Tabaco chinês indo pros EUA — **2,35 bilhões**.

Aqui, nos EUA, nós produzimos o melhor tabaco do mundo. Por que importar

tabaco? Você conhece alguém que compre tabaco chinês? Eu não consigo imaginar o que eles estão fumando. O que será que estão fumando?

— É, isso me surpreende também.

— Aí temos produtos farmacêuticos — apenas **2 bilhões**. Acho que isso pode ser facilmente substituído. Produtos químicos inorgânicos, chapéus, óleos essenciais, perfumes, cosméticos, livros impressos, locomotivas ferroviárias e de bonde, peixes — **1 bilhão**; aeronaves — nem chega a **1 bilhão**; vegetais — quase **1 bilhão**; carne — quase **1 bilhão**.

E é basicamente isso.

Então, é isso o que vem entrando nos Estados Unidos — na América — ano após ano, vindo da China.

Esse é o **déficit comercial**. Todo esse material chinês entra — coisas que as pessoas não precisam ou que podem ser obtidas em outros lugares, que podem ser fabricadas em outros países. Tudo isso entra, e apenas uma fração desse volume sai em mercadorias dos EUA para a China.

— Interessante.

— Então a China parece... a China parece bem inútil. Parece bem, bem inútil.

E, sim, mesmo quando você lê os relatórios da mídia, eles não conseguem citar nada realmente significativo, certo? Você confere o *Wall Street Journal*, confere o *New York Times*, e eles trazem esses exemplos ridículos, veja:

“**Arlland Nurcessian**, um importador de equipamentos de cozinha baseado em Temecula, Califórnia, enviou uma mensagem ao seu agente chinês na quarta-feira pedindo para segurar seu último carregamento de pratos de alumínio fundido quando soube que Trump estava aumentando as tarifas — mas já era tarde. Esse pedido vindo da China será o último.”

Trecho citado:

“Não tem como eu conseguir vender nenhum desses nos EUA.”

Ele pode ter que demitir a maioria dos nove funcionários e contratados da empresa, mudar para softwares mais baratos e parar de viajar para feiras gastronômicas para divulgar seus produtos — apenas para se manter firme e sobreviver.

— Pratos de alumínio? Sério? Não sei — alguém usa isso? Parece coisa de acampamento, né? Equipamento leve pra trilha, escalada... Mas, digo, qualquer um pode fabricar um prato de alumínio. É só prensar uma chapa de alumínio e pronto, você tem um prato.

Aparentemente, diz aqui que a China foi responsável por cerca de **13% de todas as importações de bens dos EUA em 2024** — *smartphones*, brinquedos e peças industriais. Empresas inteiras foram construídas com base nessa dependência: design, marketing e distribuição nos EUA, e produção na China.

Trecho citado:

“Falando de forma direta, só conseguimos aguentar enquanto pudermos. Se não resistirmos mais, teremos que fechar a fábrica”, disse **Hong Bin Bin**, que dirige a **Shenzhen Xiao Yang Industrial**, fabricante de brinquedos de pelúcia no sul da China.

As vendas para os EUA representam de **70% a 80% da receita** da empresa. Hong disse esperar que os pedidos parem de chegar — graças às tarifas de Trump.

Brinquedos de pelúcia.

E aqui há outro exemplo: o presidente e diretor executivo da **Veilong Enterprises**, que fabrica utensílios para churrasco, artigos de cozinha e produtos domésticos na China, Índia e Camboja — vendidos por grandes varejistas como **Walmart** e **Target** — afirmou ter perdido cerca de **10 milhões de dólares** e cancelado pedidos para sua fábrica na China devido às tarifas impostas até agora, em **2025**.

Veja, é o seguinte. Você disse que há 10 milhões de empregos chineses em risco, ou foi um número maior? Espera um segundo.

Está aqui: a Goldman Sachs estima que entre 10 e 20 milhões de empregos em fábricas chinesas estão voltados para satisfazer a demanda dos consumidores

americanos por produtos. Entre 10 e 20 milhões — é muita gente. É muita gente desempregada.

Não é tanto quanto eu imaginava. Achei que o desemprego seria pior. Claro, isso pode gerar um efeito em cascata — tipo armas, certo? Mas pode se espalhar, porque as fábricas na China que produzem para o mercado americano compram máquinas, equipamentos de escritório, outros suprimentos, uniformes — elas precisam comprar tudo isso de outros lugares.

Então, se uma fábrica dessas fecha, leva outros empregos junto, eu acho. Eu suponho. Então pode ser ainda pior do que 10 a 20 milhões.

Bem, se abrirem uma fábrica de armas, vão usar o mesmo equipamento de escritório, não é? Acho que eles vão mudar para isso. Os chineses estão falando sobre isso. Vi no X (Twitter) uma chinesa dizendo aos americanos: “Nós não temos medo.” E ela citou o presidente Mao, dizendo algo como: “Lutaremos o tempo que for preciso. A decisão é dos americanos.”

E ela nos chamou de “porcos brancos bastardos”. Essa chinesa no X. Claro que agora ela vai ter uma pontuação social mais alta por ter se posicionado contra os bárbaros brancos. Mas é isso que você vai ver na China.

Claro, nós abrimos generosamente nossos mercados para a China — um país inimigo governado por comunistas. Nunca deveríamos ter feito isso, porque os serviços de inteligência deles usam o relacionamento com as empresas americanas para manipular a política dos EUA, manipular nosso sistema e nos subverter — e nós não deveríamos permitir isso. Não deveríamos tolerar isso nem por um minuto.

E além disso, eles roubam. Um sujeito que comercializava com a China, que apareceu na TV nos últimos dez dias, disse: “Acho que devíamos aplicar tarifas de 400%.” E completou: “Investi muito na China, e eles simplesmente trapaceiam. Roubam coisas, roubam propriedade intelectual e descumprem os acordos. É terrível fazer negócios com eles.”

Pois é. Eu me lembro do coronel Stannis Luna, que trabalhou na China. Ele era um oficial da GRU, trabalhou para a inteligência militar russa. Um jornalista perguntou a

ele — eu estava ao lado — “O que o senhor acha sobre investir na Rússia?” E ele respondeu: “Não faça isso. Eles vão te enganar. Você vai perder. Pode até ganhar algum dinheiro no início, mas no longo prazo, vai perder.”

É como no varejo — porque tudo isso que vem, ou vinha, para os EUA tem a ver com varejo. Ouvimos esses exemplos: vendemos pratos de alumínio, mas são feitos na China; ou vendemos bichos de pelúcia feitos na China. Sempre se trata de varejo, certo?

Varejo significa que eu compro um produto feito por outra pessoa. Eu compro esse produto e vendo para alguém, ou contrato alguém para fabricar algo e depois vendo para outra pessoa.

Você deve ter ouvido que a Amazon parou de encomendar e de montar produtos vindos da China. Quando a Amazon surgiu, ela praticamente destruiu boa parte do varejo com aquela tática de “vamos operar no prejuízo por 10 anos, até que a concorrência morra, e aí talvez consigamos lucrar — e então não haverá mais concorrência.”

Claro que isso nunca funcionou de verdade. Não acho que a Amazon tenha lucrado significativamente com o varejo. Eles ganharam muito dinheiro com o Amazon Web Services. Muita gente nem sabe disso. Muitos sites são hospedados nos servidores da Amazon. As empresas de hospedagem contratam ou subcontratam espaço da Amazon — então, quando você adquire um site e o hospeda com uma empresa, na verdade ele está hospedado no Amazon Web Services.

Mas o varejo está praticamente morto. Virou um tipo de canibalismo — quem consegue obter um produto mais barato da China, ou mais produtos da China, porque é mais barato, então as pessoas compram — e isso virou uma espiral de morte. Os impostos aumentaram, o dinheiro foi desperdiçado (especialmente pelos democratas), e as oportunidades de negócio foram desperdiçadas e impedidas. Então a vida ficou mais difícil para as pessoas. Elas foram incentivadas a comprar produtos chineses.

Depois veio o Amazon Marketplace. As pessoas tentaram vender produtos realmente fabricados no Ocidente pela Amazon, mas aí apareceu a concorrência

chinesa, porque a Amazon também é um marketplace — qualquer um pode vender lá. Então começaram a surgir todos esses produtos, e virou um problema quando as pessoas compravam carregadores de iPhone com logotipo da Apple — mas que não eram fabricados pela Apple.

Eram lixo totalmente inseguro, perigoso — podiam até matar — mas alguém imprimia um logotipo falso da Apple, ou um selo da FCC, ou um selo CE, fingindo que era seguro para os mercados ocidentais.

E o varejo... o varejo se tornou um grande problema. Hoje em dia, é praticamente inútil abrir um negócio de varejo, porque nós realmente precisamos fabricar coisas. Você precisa ter seu próprio produto e vender esse produto. Não dá mais para fazer do jeito que se fazia.

Acho que as coisas que realmente melhoram nossas vidas — as que representam riqueza de verdade — não vêm do exterior, nem precisam vir. Como ter sua própria terra. A China não fabrica terra americana. Você quer casas e apartamentos — não precisamos de trabalhadores nem de materiais chineses para construir casas e apartamentos nos Estados Unidos.

Então, ter bons carros, carros confiáveis — sabe, possuir bons carros é importante para a qualidade de vida. E não precisamos de carros elétricos chineses, especialmente quando eles são feitos com base em projetos roubados do Ocidente.

De qualquer forma, um carro elétrico chinês pode ter preço abaixo do valor real, o que significa que a ditadura comunista pode estar disposta a perder dinheiro em cada carro que vendem. De cabeça, o único outro exemplo histórico que consigo lembrar de uma ditadura disposta a vender carros no prejuízo — perdendo dinheiro em cada carro — é a Alemanha nazista, porque eles produziram, ou planejavam, a versão original do Volkswagen Fusca.

Não era chamado Fusca. Chamava-se KdF — Kraft durch Freude Wagen, que significa algo como “Carro Poder pelo Prazer”. E eles não sabiam fabricar carros em volume com lucro — algo em que os americanos eram realmente muito bons, mesmo antes dos nazistas. Mas os nazistas não conseguiam, então estavam dispostos a perder dinheiro em cada carro.

Então, se as pessoas começassem a pensar: “Vou comprar um carro elétrico chinês porque é mais barato, economizo dinheiro, isso é uma vantagem para mim porque pago menos” — mas se isso continuar indefinidamente, se você acabar sob controle comunista, e a concorrência desaparecer, então, no fim, os comunistas decidirão quem recebe qual carro, e de acordo com o grau de lealdade ao regime.

Mesmo na Alemanha Oriental, você tinha que esperar anos para conseguir um carro horrível e frágil. Hoje em dia, as pessoas podem assistir vídeos na internet — entusiastas de carros, para entretenimento, analisam carros soviéticos antigos como o Trabant da Alemanha Oriental, o Lada ou o Zhiguli, certo? Aqueles carros estilo caixote que eles tinham.

E esses carros são hilários — literalmente hilários. São absurdamente ruins. Os alemães tinham que esperar, eu acho, 10 anos para conseguir um desses carros. Você tinha que entrar numa lista de espera como se estivesse comprando um relógio Rolex exclusivo. Colocado na lista de espera, espera 10 anos. Não acho que você precise esperar 10 anos para comprar um Rolex Daytona, mas espera 10 anos para receber esse carro ruim.

E se um pneu estragar, você precisa esperar um tempo considerável para conseguir um novo pneu ou uma roda. Se uma roda for danificada, precisa esperar por outra nova. E é isso que o socialismo será, no fim — o regime decide, de acordo com seu sistema de crédito social ou um algoritmo moderno: o regime quer lhe dar um carro? Você merece o privilégio de ter um carro?

Então, isso mostra o que riqueza realmente significa: você possui seu próprio pedaço de terra, talvez tenha um apartamento, ou consegue alugar um apartamento por um bom preço. Espaço, veículos, objetos — objetos que facilitam a sua vida, que melhoram sua qualidade de vida.

Isso é riqueza. Riqueza não significa ter X quantidade de moeda, que pode não ter poder de compra. É sobre as coisas que você possui e as liberdades que tem — e aquilo que protege sua propriedade. Isso é riqueza.

Para aqueles que ainda não entenderam.

Estamos nos aproximando de uma possível guerra mundial, e os EUA não podem pagar por isso enquanto subsidiam metade do mundo por meio de déficits comerciais. Numa situação assim, o Ocidente precisa de legitimidade adicional, e isso vem através de empregos e de itens que as pessoas realmente precisam.

Agora, Rússia e China podem parecer muito fracas em comparação, apesar da campanha de autopromoção de várias décadas sobre o glorioso socialismo em um pseudo-“Terceiro Roma” czarista. Então, no Ocidente, será necessário decidir se você será um ativista mimado e “woke” ou uma pessoa que realmente possui coisas. Acho que isso terá papel significativo em um grande conflito no futuro próximo, quando o Ocidente quiser ou precisar mostrar que seu povo possui bens, que as pessoas têm algum nível de qualidade de vida, enquanto aqueles regimes lá fora têm populações sofrendo.

Lembro-me de quando as pessoas no Bloco Oriental, nos anos 1980 — quando o regime da época se aproximava do fim, e então veio o falso término do comunismo — começaram a contrabandear cada vez mais cópias de filmes e programas de televisão ocidentais para a União Soviética. As pessoas assistiam e ficavam surpresas ao ver esses programas americanos mostrando pessoas comuns com casas, carros, geladeiras, e todas essas coisas legais. Isso realmente confundia os cidadãos soviéticos, que pensavam: “Espera um minuto, nos disseram que essas pessoas pobres nos EUA não têm leite, não podem comprar leite, vivem na pobreza total, e tudo é canibalismo lá porque Marx disse assim.”

Então, eles viram que os americanos não só tinham leite, mas tinham fileiras e mais fileiras de diferentes tipos de leite nos supermercados. Na União Soviética, você tinha o leite — e a qualidade dele dependia da situação econômica do momento. Na China, mesmo em tempos recentes, houve alguns dos maiores escândalos alimentares, em que misturavam leite verdadeiro com água e adicionavam uma substância — não me lembro qual — para enganar o teste de proteína. Então, se alguém testasse essa mistura, o resultado mostraria uma quantidade normal de proteína, e eles diriam: “Ah, então é leite, certo?” Mas não era. Era leite diluído com um produto químico adicionado.

Isso mostra a diferença entre as economias e o que as pessoas podem comprar. Então, um iPhone de última geração, um tênis de grife ou o café diário da Starbucks realmente te tornam rico? Na verdade, não. Terras tornam. Moradia torna. Veículos tornam. Muitas coisas que as pessoas compram são itens depreciáveis, esquecíveis — ativos que permitem apenas enviar mensagens para outras pessoas ou proteger a sola dos seus pés. Tênis de grife são pedaços de borracha e couro tóxicos colados que ficam bonitos por alguns meses. O novo iPhone faz as mesmas coisas que o iPhone de algumas gerações atrás.

A verdadeira magia, eu acho, está na produtividade: quantas coisas úteis e legais você consegue produzir? Você consegue produzi-las melhor, mais barato e de forma mais eficiente? As pessoas realmente recebem bons salários por fazer essas coisas, para então investirem em suas famílias e melhorarem a vida de todos? Essa é a verdadeira magia. Não se trata de comprar o quinto ou sexto par de tênis — eles são feitos na China.

Quer dizer, surgem na web esses programas interessantes sobre educação financeira — algum cara financeiro que entende de responsabilidade financeira.

Eles recebem convidados — pessoas comuns sem ideia alguma, sem noção, “woke”. Então ele analisa suas finanças. Confere os documentos e diz:

“Ok, você come fora todos os dias. Vai à Starbucks todos os dias. Compra esses brinquedos Tinker da China literalmente todos os dias. E é por isso que você está endividado. Você enche seus cartões de crédito e se afunda cada vez mais na espiral. Por que não para de comprar coisas que você realmente não precisa? Pare de comprar itens depreciáveis e foque em algo que realmente melhore sua vida. Coloque seu dinheiro em outro lugar. Economize seu dinheiro. Invista em um fundo ETF. Conquiste alguma propriedade — uma parte da propriedade — de empresas que realmente produzem coisas.”

Essa é a magia — a produtividade de que falamos, a precisão. Comprar da China tem muitos custos ocultos. Eles podem pular a aprendizagem de como criar magia produtiva, enquanto continuamos perdendo essa habilidade. A China gasta seus lucros no setor militar, o que torna nossa defesa muito mais cara. É como isca em uma armadilha para animais. A isca é ainda mais barata que barata — é gratuita

para o animal que se aproxima. O animal não precisa pagar nada nem trocar; ele apenas se aproxima da isca e então é capturado.

Aqui está o problema que tenho com grande parte da análise sobre as tarifas do Presidente Trump. O que realmente pensamos delas? Primeiro, ele ativa as tarifas em 2 de abril, e seis dias depois, em 8 de abril, as pausa. Aparentemente, me disseram inicialmente que seria apenas para os aliados, mas parece que é uma isenção para navios chineses também. Então, basicamente, está pausado para todos, pelo que me parece. A indicação é que a interrupção das cadeias de suprimento poderia ser desastrosa — a perda de empregos domésticos e em países aliados, e o fato de que a China está praticamente ameaçando guerra por causa disso.

Certamente, a China seria muito prejudicada, dado a fragilidade de sua economia — problemas imobiliários, setor bancário prestes a ceder. A China já está parcialmente mobilizada para a guerra. Mas aqui está o ponto: odeio mencionar isso, mas houve uma apresentação fabulosa que Andrei Illarionov fez sobre a guerra na Ucrânia. Ele destacou que a Rússia, sozinha, fabrica quatro vezes mais material de guerra do que toda a OTAN — incluindo os Estados Unidos. A Coreia do Norte enviou o dobro de munição para ajudar a Rússia na guerra do que a América enviou para a Ucrânia.

Então, você tem a capacidade de manufatura da China. Sabemos que a China é o maior fabricante de produtos do mundo. Claro, algumas pessoas dizem: “Bem, eles não fabricam coisas tão refinadas.” Mas os Estados Unidos chegaram a um ponto em que nossa manufatura desacelerou tanto, e nossas cadeias de suprimento estão tão sobrecarregadas por importações, que não conseguimos mais construir navios de forma eficaz. Os chineses ainda conseguem construir o equivalente à Marinha francesa a cada ano. Os russos também conseguem produzir coisas — embora tenham problemas com certos itens, ainda estão produzindo material de guerra. Nossa capacidade de produção de material bélico é menor.

E, pela primeira vez, sem usar armas nucleares, os russos — embora estejam perdendo sete para um na frente de batalha — produzem mais que os ucranianos três ou quatro para um, ou até mais. É por isso que não conseguem vencer a

guerra: produzem quatro vezes mais que os ucranianos, mas perdem sete para um em combate. Isso é inesperado. A questão é: a OTAN conseguiria fazer o mesmo? Estamos salvos?

Mas a China ainda não colocou seu peso na balança da guerra. E ainda não falamos sobre a guerra iminente com o Irã. Vemos bombardeiros americanos posicionados em Diego Garcia, e as conversas sobre guerra — estão travando ou não? Netanyahu está na Casa Branca, Trump dizendo: “Sim, estamos ditando para os iranianos.” Eu não acho, no fim das contas, que os iranianos sejam pessoas fáceis de lidar, pelo que ouvi.

Agora, eu fiz vídeos com Lee Wheelbarger, e estou fascinado pelo material dele. Não sei se o sistema de coleta de inteligência dele está correto, mas conversei com outras pessoas, ainda mais especialistas que eu, que disseram que os russos estão “fazendo de conta” — Wheelbarger está certo em algumas coisas. Então, vou dizer isto: o que Wheelbarger afirma é que os russos têm enviado ogivas nucleares para o Irã, e ele conseguiu rastreá-las.

Seria ótimo para a Rússia causar uma guerra nuclear ou uma guerra no Oriente Médio, porque, nesse caso, o que acontece com o preço do petróleo? Os iranianos já ameaçaram todos os Estados do Golfo: “Se ajudarem os americanos, se ficarem ao lado dos americanos — quemosh — vamos atacar seus campos de petróleo.” O preço do petróleo subiria para 200 dólares o barril. A Rússia lucraria muito porque é o próximo maior produtor de petróleo. Depois vêm os Estados Unidos e o Canadá — mas fazemos isso principalmente para o nosso próprio mercado doméstico.

A Europa e o Japão seriam muito, muito prejudicados por esses aumentos de custos. Então, você teria uma guerra no Oriente Médio — já existe uma guerra na Europa Oriental. Esse seria o sinal para a China agir? É isso que acontece? Criar uma enorme distração que causa todos esses efeitos em cadeia, atraindo tantos outros, consumindo seus recursos — e você acaba em uma guerra mundial.

O ponto é, você falou sobre manufatura, e isso é algo que discuti quando estive em Toronto, em setembro passado, com ex-generais do NORAD e um almirante canadense, em um evento organizado pelo Mackenzie Institute. Uma das coisas que aprendi foi esta: a razão pela qual o Canadá não consegue construir navios de

guerra é por causa das aulas de oficina. Eliminamos as aulas de oficina. Não treinamos jovens para serem trabalhadores industriais. Eles não sabem soldar. Nunca aprenderam essas coisas. Nunca desenvolvemos as habilidades do trabalho industrial. Nossa educação em artes industriais desapareceu.

Dizem que os Estados Unidos eliminaram a educação em artes industriais em 1978 — não em todos os estados, mas em muitos. Lembro-me dessas aulas de artes industriais; eu tive que fazê-las. Eram obrigatórias. Mas, se você realmente quisesse fazer várias, podia. Muitos jovens gostavam e faziam todas. Era bastante inteligente — você aprendia algumas dessas habilidades, ia para uma escola especial, se saía bem e conseguia um bom emprego. Foi assim que muitas pessoas da minha geração conseguiram um bom sustento.

Mas agora minha geração está envelhecendo. E, claro, grande parte desse trabalho físico pesado cobra seu preço. Você começa a se aposentar nos 50 anos. Por isso, o salário era bom. Mas, dizem que os Estados Unidos precisam treinar uma nova geração de trabalhadores industriais antes de reconstruir a base industrial. Isso vai levar três ou quatro anos — apenas para treinar as pessoas e colocar a infraestrutura em funcionamento. Então podemos começar a produzir e acompanhar os norte-coreanos, chineses e russos. Mesmo que a qualidade deles seja baixa, eles estão produzindo armas para as quais não temos equivalentes.

A única razão pela qual não estamos sofrendo agora — não sendo dominados por esse bloco comunista — é porque os ucranianos estão matando-os sete para um. E isso é um choque. Eles nos superam em produção quatro para um, e estão sendo mortos sete para um. Mas a questão é: se a China entrar em cena, essa proporção muda? Eles começam a nos superar em produção dez para um, enquanto ainda matamos sete para um — e então começamos a perder?

Então você tem uma guerra no Oriente Médio. Será que conseguimos lidar com isso? É uma questão interessante — como tudo se desenrolaria se a guerra se expandisse. Será que eles fariam isso por frustração? Vimos relatos sobre supostos combatentes chineses na Ucrânia — já se falou em cerca de 150 deles. Você mencionou isso antes no programa, e às vezes é fácil simplesmente declarar que

alguém é chinês ou norte-coreano mesmo quando não é, certo? Você pode rotular qualquer pessoa de qualquer coisa.

Você pode simplesmente dizer: “combatentes chineses no exército russo na Ucrânia.” Você quer dizer combatentes chineses de fato? Ah, sim — e também houve declarações de que 155 soldados capturados seriam chineses. Devo dizer que vou falar com o Sr. Wang hoje à noite. O Sr. Wang, da Lude Media, me disse, em minha última entrevista com ele, que havia duas — ou seriam três — formações chinesas. Ele nomeou as formações que estão na Rússia e na Ucrânia.

Tenho pelo menos parte do Regimento Tiger — 900 homens — treinando na Bielorrússia, segundo Lee Wheelbarger. Isso confirma as informações do Sr. Wang. Então, os chineses estão lá — não em tantos números quanto os norte-coreanos, mas eles têm um regimento e uma brigada naquele teatro de operações. E o que o Sr. Wang me disse é que eles estarão com uniformes russos. Eles chamarão essas unidades por nomes russos — não dirão que é o Regimento Tiger. Dirão, você sabe, algo como 187ª unidade do exército russo.

Mas quando você captura esses caras — quando captura 155 soldados chineses com uniforme russo — você não está apenas pegando algum mercenário isolado, eu acho. O mesmo vale para as brigadas norte-coreanas. Não dá para esconder tantos norte-coreanos, especialmente na era do rastreamento por satélite e outros métodos avançados de vigilância.

E eu acho que isso foi intencionalmente feito para ser descoberto pelo Ocidente. Mesmo com esses chineses — os primeiros soldados chineses sendo capturados e identificados — acredito que isso possa ter sido intencional.

Outro ponto: se você captura 155, quantos foram mortos, já que eles usam ataques em ondas humanas? Eles matam mil caras em um ataque em onda humana e talvez capturem 10 ou 20. Quantos chineses foram mortos nesses ataques? Você coloca esses soldados em anfetaminas, como os nazistas faziam, e depois os envia nessas ondas humanas. Os metralhadores ucranianos disseram que essas ondas continuavam chegando. Você simplesmente os abate, e eles continuam vindo, como zumbis. Eles pisariam sobre os mortos e continuariam avançando.

Então você tem unidades russas mais elitizadas em segundo plano. Eles enviam primeiro esses soldados descartáveis e, quando apropriado, essas forças russas mais avançadas entram em ação. Alguns soldados ocidentais — acho que britânicos e alguns americanos — se voluntariaram, apenas algumas pessoas, que tinham experiência. Eles disseram que alguns desses russos são bastante capazes; conseguem lutar de verdade. Mas essas outras tropas cometem muitos erros em campo de batalha e são usadas para atrair fogo inimigo.

O ponto é que, em combate moderno, as armas de fogo são extremamente letais, mas você precisa delas para expor posições para que suas armas pesadas possam destruí-las. Um analista apontou que, nesses ataques em massa, as mesmas unidades russas estão dando apoio às investidas repetidamente. Eles movem as mesmas três ou quatro unidades de combate russas para onde houver ataque, e estão dando suporte. Essas unidades são especialistas em dar suporte a esses ataques. É uma forma muito peculiar de fazer guerra — avançam pouco a pouco, ganhando terreno incrementalmente, mas a um custo humano enorme. Eles usam a vida dessas pessoas. É aterrorizante.

Ao mesmo tempo, a China está usando sua espionagem com a mesma mentalidade quando se trata de guerra no mundo da inteligência. A China tem tentado sobrecarregar os países ocidentais com a quantidade de agentes e ativos utilizados. Eles tentam implantar tantos agentes e ativos que a contrainteligência ocidental não consegue rastrear todos. Não conseguem acompanhar, porque exigiria um esforço gigantesco fortalecer a contrainteligência.

Se você está de olho em alguém, pode levar anos. É um processo meticuloso até que você realmente encontre ou prove espionagem. Você pode saber que há um espião em algum lugar, mas restringir isso leva tempo e expertise. Se houver apenas muitos desses agentes chineses, então temos um problema.

Houve uma matéria exclusiva do The Wall Street Journal: diz que, em uma reunião secreta, a China reconheceu seu papel nos ataques cibernéticos à infraestrutura dos EUA. Autoridades chinesas admitiram, em uma reunião secreta em dezembro, que Pequim estava por trás de uma série generalizada de ataques cibernéticos

alarmantes à infraestrutura americana, segundo pessoas familiarizadas com o assunto.

Anos de intrusões em redes de computadores de portos, estações de tratamento de água, aeroportos e outros alvos representam algumas das ameaças de segurança mais preocupantes enfrentadas pela administração Trump, disseram autoridades. A administração declarou que tomaria medidas em resposta à atividade cibernética maliciosa da China.

Cerca de uma dúzia de representantes de ambos os países — incluindo altos funcionários do Departamento de Estado, do Conselho de Segurança Nacional, do Pentágono e de agências de inteligência dos EUA — participaram da reunião de alto nível, que não havia sido noticiada anteriormente. Ela foi liderada por Nate Fick, então embaixador especial para o Ciberespaço e Política Digital na administração Biden.

Isso faz parte de um esforço maior. Os chineses começaram isso anos atrás, quando as pessoas ainda não estavam realmente pensando em uma guerra mundial. Foi quando as intrusões começaram a se tornar mais audaciosas. Esses hackers se infiltravam nos alvos e permaneciam dormentes, permanecendo no sistema para ganhar mais acesso, envenenando sistemas inteiros e esperando pelo sinal que poderia vir alguns anos depois para desligar tudo.

Em ataques cibernéticos ainda mais avançados, a infiltração envolve encontrar vulnerabilidades do sistema e, quando o sinal chega, simplesmente desativar coisas — desligar equipamentos ou comandar máquinas para se autodestruir, operar em velocidades excessivas ou fazer sistemas de tratamento de água funcionarem rápido demais, devagar demais ou tudo de uma vez.

Então, as coisas realmente quebram.

Agora, um ataque cibernético avançado ocorre em diferentes estágios. Começa com o primeiro estágio, e é antecipada a reação dos americanos — eles fariam isto, fariam aquilo — mas isso já foi previsto. Então ocorre a próxima fase do ataque, e as coisas pioram cada vez mais, a ponto de as pessoas tentando mitigar a crise nem conseguirem confiar no que veem nos monitores. Elas têm que depender

desses sistemas de monitoramento, mas estão sendo enganadas — é informação falsa. Elas não sabem o que estão fazendo.

É como se você estivesse dirigindo um carro, mas ao engatar a terceira marcha, na verdade é a sexta. Ou pisa no acelerador, mas é o freio que age. Liga a seta para a esquerda, mas a da direita acende. Isso é algo para o qual eles se prepararam por muito tempo, e é uma tarefa gigantesca de contrainteligência quando pensamos no que está em jogo.

Agora, aqui vai um exemplo positivo. Isso é relativamente recente e diz: “Primeira operação da Ucrânia contra propaganda russa na União Europeia”. Porque, é claro, as operações de propaganda acompanham as operações cibernéticas e militares — tentando convencer pessoas no Ocidente a não lutar, a não resistir, que não haverá guerra, que dá para fazer um mau acordo, ou que não vale a pena lutar.

Este é um relatório de Anton Chekhovs — eu li pelo menos um de seus livros, talvez dois; li *Tango Noir*. Diz: “Parece que o serviço de segurança e a inteligência estrangeira da Ucrânia acabaram de realizar uma das suas operações mais brilhantes até hoje, visando e prendendo um propagandista pró-Rússia particularmente insidioso.”

Então, foi uma operação de flagrante. Duas semanas atrás, canais de propaganda russos relataram que autoridades polonesas prenderam Kirilo (ou Kiril) Molanov e o deportaram para a Ucrânia. Em 1º de abril, os serviços ucranianos confirmaram os relatos. Ucrânia e Polônia realizaram uma operação internacional em várias etapas dentro da União Europeia.

O suspeito, um chamado especialista político, estava ligado ao círculo midiático de Viktor Medvedchuk. Eles criaram uma bolsa de estudos falsa — um alvo que os russos acharam atraente. Chamava-se Media Future Fellowship, supostamente baseada na Áustria, como forma de espalhar ainda mais esse veneno insidioso da propaganda. E o homem caiu na armadilha — participou da operação, e eles o prenderam.

O correspondente perguntou: qual foi a acusação de prisão? É interessante. Ele era apenas um agente de influência — traição, como chamaram.

Ele era cidadão ucraniano? Deixe-me verificar. Ele teria que ser. Se fosse russo, não poderiam prendê-lo por traição a menos que estivesse agindo contra a Rússia. Se você é russo, não é traidor — é apenas um inimigo. É interessante; só me pergunto qual é a base legal. Você tem liberdade de expressão em diferentes países da UE, certo? Claro. Mas qual é exatamente o crime?

Se dizem que é traição, isso implica que ele é cidadão ucraniano. Não é explicitado, mas é peculiar — sério o suficiente para que as autoridades polonesas prendessem o homem e o deportassem para a Ucrânia.

Normalmente, o que acontece — e já vimos isso algumas vezes — houve outro caso de um alemão que eu conhecia. Ele era considerado um propagandista padrão, mas também estava ligado a outras atividades. Acho que foi preso na Polônia há algum tempo e estava envolvido em crimes graves.

Quero dizer, as pessoas me chamariam — estou pensando nisso agora — as pessoas diriam que há muita gente que me odeia porque critiquei o presidente Trump. Mas, em casos anteriores, propagandistas que foram presos também foram acusados de estarem envolvidos em outras infrações mais sérias — crimes de fato. Então, não é como se essas pessoas fossem sempre “uma única habilidade”, só fazendo propaganda.

Elas também — em casos anteriores — estavam envolvidas em outras operações consideradas traiçoeiras. Teve esse cara alemão que estava meio envolvido em algum tipo de operação de bandeira falsa, violência, terrorismo de algum tipo. Preciso pesquisar esse caso porque minha memória não é muito boa sobre ele, mas foi algo sério.

E também, agora, você disse desse cara — o nome dele era Czechovsson ou Czechov, qual era mesmo? Não, esse novo cara — é algo como Carill na grafia russa, Kill, Carrill, acho que vi assim, Kill. Então, ele é cidadão russo ou você não sabe?

Não diz o que eles relatam. Eles o enviaram para a Ucrânia. Sim, prenderam-no na Polônia e o enviaram para a Ucrânia porque, quero dizer, alguns desses têm que

ser... ele teria que ser cidadão ucraniano para isso. Alguns desses caras estão envolvidos em todo tipo de operação — não apenas propaganda.

Deixe-me só conferir... ok, tem outro cara com um nome parecido. Ele era um compositor soviético. Ah, aqui está uma história mais recente: o Doutor em Ciências Políticas Alexander Senchenko compartilhou sua opinião. Sim, ele é ucraniano. “Como a SBU conseguiu o sequestro do cientista político ucraniano Killil Molanov, que vivia na Rússia?” Então, sim, ele é ucraniano.

Então, a questão é: como cidadão ucraniano, ele está sujeito à lei ucraniana e está aderindo aos inimigos da Ucrânia. Ele está promovendo propaganda russa em outro país. Então, sim, isso é bom — isso é algo justo.

Veja, se alguém... a coisa interessante é que agora temos tudo isso. A diferença é que temos todo tipo de gente espalhando coisas antiamericanas o tempo todo, e as pessoas me acusaram porque sou crítico do presidente agora. Eu critiquei Biden. Mas isso é permitido na América — temos liberdade de expressão.

Mas em tempo de guerra, você precisa ter cuidado, porque certos tipos de crítica são prejudiciais, eles prejudicam seu próprio lado e definitivamente estão aderindo ao inimigo. Isso é algo que você nunca quer fazer, e é uma linha muito tênue. Sabe, traição é difícil — aderir ao inimigo.

É uma coisa curiosa. Eu sei que muita gente está aderindo aos inimigos do meu país, e eles podem estar na CNN, podem estar na Fox News. Ninguém jamais pensa neles como traidores, certo? Sim. E é meio engraçado.

Sim, e é uma situação difícil. Lembro de um exemplo histórico de inteligência alemã ativa nos Estados Unidos antes e durante a Primeira Guerra Mundial, acredito eu. Isso era uma mistura de operações de sabotagem — explodindo fábricas de munição, depósitos de munição.

Sim, os Estados Unidos tinham, aliás, basicamente tentavam executar espões alemães. Fizemos isso nas duas guerras mundiais, porque a Alemanha tinha, em ambas as guerras mundiais, sabotadores aqui — descarrilando trens, tentando

danificar fábricas, sabe, coisas dessa natureza — e influenciando a opinião pública naquela época.

Sim, influenciando a opinião — é como múltiplo. Sim. Bem, na Primeira Guerra Mundial, houve uma histeria anti-alemã. H. L. Mencken escreveu sobre isso. Ele era germano-americano, é claro — Mencken. E surgiu um ódio real.

E é engraçado como as pessoas entram em uma guerra — você tem que ter muito cuidado. E, claro, aconteceu a mesma coisa: os japoneses foram internados na Segunda Guerra Mundial. E isso foi uma questão complicada. Desde então, o governo dos EUA pediu desculpas e compensou as vítimas sobreviventes da internação dos japoneses.

Essas pessoas eram, na maioria, japoneses — apenas japoneses da Costa Oeste, aliás. Não foi em todo o país, porque a Costa Oeste foi ameaçada logo no início da guerra. Os japoneses realmente atacaram a Costa Oeste — ataques menores — a frota de submarinos japonesa foi enviada para lá e chegou a afundar navios próximos à costa dos Estados Unidos.

Sim. Mas os japoneses, bem cedo, não tinham um programa sério de armas biológicas? E eles não tinham planos de usar essas armas biológicas contra os Estados Unidos?

Tinham. Mas o programa de armas biológicas deles, na Manchúria, pelo que li, acabou sendo desastroso — todos os especialistas morreram acidentalmente. Eles... CAM 7, CAM 731, algo assim. Não lembro qual era o número exato, mas era um dos mais letais — os próprios cientistas acabaram pegando o que estavam desenvolvendo e morreram.

Era uma instalação de pesquisa — acho que se chamava CAM 731.

Sim. Eles tinham várias dessas, e de fato usaram armas biológicas contra a China. Eles usaram algumas, sim. Esse general Shiro Ishi — acho que ele se escondeu depois, e tinha documentos, arquivos escondidos em algum lugar, se não me engano. Então, sim, as coisas podem ficar muito sérias muito rapidamente.

Aqui está outra reportagem exclusiva, relativamente recente. Diz que uma nova unidade de espionagem está liderando a guerra secreta da Rússia contra o Ocidente. Conhecida como o **Departamento de Tarefas Especiais**, baseada na sede da inteligência militar russa — um enorme complexo de vidro e aço nos arredores de Moscou chamado **Aquário** — suas operações, até então não reveladas, incluíram tentativas de assassinato, sabotagens e um plano para colocar dispositivos incendiários em aviões.

Diz aqui: “Sim, o Aquário é do GRU.” Aliás, o novo departamento, conhecido por oficiais de inteligência ocidentais pela sigla russa **SSD**, é considerado responsável por uma série de ataques recentes contra o Ocidente — incluindo a tentativa de assassinato do diretor-executivo de uma fabricante de armas alemã e o plano para colocar dispositivos incendiários em aviões usados pela gigante de logística DHL.

O SSD unificou vários elementos dos serviços de inteligência russos. Ele assumiu alguns poderes da FSB e incorporou a **Unidade 29155**, que, segundo oficiais ocidentais de inteligência e segurança, foi responsável pelo envenenamento do agente duplo russo Sergei, no Reino Unido, em 2018. O departamento também comanda um centro de operações especiais de elite chamado **Senes**, onde a Rússia treina parte de suas forças especiais.

Isso faz parte de um aumento nas atividades, e há relatos ainda não confirmados sobre o envolvimento russo em alguns dos atentados terroristas mais recentes na Alemanha — os menores, ataques com faca motivados por razões políticas. Normalmente, é algum imigrante clinicamente insano, alguém fora de si, que sai massacrando pessoas na rua com armas brancas.

Agora há rumores de que os russos podem estar envolvidos em alguns desses casos, justamente para criar mais fricção dentro da sociedade. Porque, claro, há a direita política e o novo partido AfD, com esse argumento sobre segurança reforçada — e, do outro lado, os esquerdistas dizendo: “Deixem entrar todos, de qualquer zona de guerra, de qualquer região caótica.”

E então acontecem esses ataques terroristas. Eu fiz um programa uma vez sobre alguns estudos recentes a respeito do que um serviço de inteligência — como o

russo — pode ser capaz de fazer quando se trata de identificar pessoas já mentalmente instáveis e influenciá-las, de maneira sutil ou nem tanto.

Existe toda uma ciência sobre isso — o que é preciso para levar alguém ao limite e qual precisa ser o perfil psicológico. Há certas substâncias que podem ser usadas para empurrar uma pessoa além do limite, e então tudo o que falta é um evento-gatilho na vida dessa pessoa — o visto de imigração rejeitado, uma mudança de status, a perda de uma namorada ou algum outro problema — e isso se torna o estopim. A pessoa decide virar terrorista e “sair com um estrondo”.

Também se fala que assassinatos podem começar a ocorrer em países ocidentais, realizados por organizações criminosas. Aparentemente, existe uma **lista de morte** com nomes de pessoas que eles pretendem eliminar. Não sei quão extensa é essa lista ou quem está nela — talvez eu e você estejamos nela, não sei. Provavelmente não somos importantes o bastante.

Antigamente, essa lista era atualizada semanalmente. Sabemos, a partir dos arquivos da **Stasi**, que eles atualizavam sua lista toda semana. E, na Alemanha, a lista soviética oficial — aquela entregue aos exércitos soviéticos — ficava sob o comando do **Distrito Militar dos Cárpatos**, que tinha a tarefa de eliminar **600 mil alemães ocidentais** no caso de uma ocupação da Alemanha Ocidental pelo exército soviético.

Seiscentos mil — quando a Alemanha tinha sessenta milhões de habitantes.

A Alemanha Ocidental tinha sessenta milhões de pessoas, acho eu. Agora, o que são vocês — oitenta milhões — com a Alemanha reunificada? Aqueles sessenta milhões de antes, seiscentos mil... isso dá o quê? Um por cento da população? É muita gente. Se fosse nos Estados Unidos, isso equivaleria a três milhões de pessoas. É um número enorme.

Então, não sei exatamente a que essas listas de morte se referem — talvez a certos setores industriais, talvez a inimigos específicos que estão incomodando.

Bem, à intelligentsia. Quero dizer, foi o que fizeram com os poloneses. Foi o que fizeram com os especialistas militares.

Sim, mas é gente que representa problema apenas para a Rússia — pessoas que não são engenheiros, sabe, não o tipo que os russos poderiam empregar, mas sim gente que criaria dificuldade para um novo regime. E sim, chamavam isso de *intelligentsia*, e era esse grupo que eles miravam.

E quando falamos de espionagem como elemento-chave em uma guerra futura — uma grande guerra — há algo aí. Eu tenho algumas anotações. Isso está meio ligado à agenda do Alexander Dugin, em que os russos tentam se aproximar de círculos poderosos na Europa, porque isso é uma porta de entrada para a Eurásia — e também uma porta de entrada para os Estados Unidos.

Agora, este é um sujeito que os russos estavam perseguindo — e acho que é alguém que era, ou ainda é, muito interessante para o Alexander Dugin. Dugin sempre fala sobre como “precisamos voltar aos velhos tempos, antes do Iluminismo”. E, claro, isso significa a aristocracia, certo? Mas ele não quer ser explícito — Dugin não quer mostrar suas cartas, não quer revelar a todos quem é realmente o seu alvo.

Então temos esse sujeito — ele se chama **Príncipe Michael**, o **Príncipe Michael de Kent**. Talvez eu coloque isso na tela rapidamente, só para as pessoas associarem um rosto a ele.

Aqui temos — ok, preciso mudar para a outra câmera — aqui temos o Príncipe Michael de Kent. Ele tem agora oitenta e dois anos. Aposentou-se recentemente da vida pública, das funções oficiais, e foi acusado de vender acesso ao Kremlin, ao círculo interno de Putin, porque é alguém muito próximo dos russos.

E alguém como o Príncipe Michael de Kent, por causa de sua família, teria acesso a segredos da OTAN — segredos muito importantes para essa guerra futura. Isso, é claro, o coloca na mesma categoria do antigo **Lorde Louis Mountbatten**, que tinha uma esposa comunista e conexões diretas com a União Soviética — com o coração da União Soviética.

O Lorde Louis Mountbatten foi acusado por várias agências de inteligência ocidentais — britânicas, francesas, alemãs, americanas, todas elas — de trabalhar para os soviéticos. Ele tinha acesso a todo tipo de informação sigilosa, e até o FBI

abriu um dossiê sobre o Lorde Mountbatten. O FBI mantinha um arquivo sobre ele e sobre sua esposa comunista, Edwina.

Mas, quando historiadores, há relativamente pouco tempo, pediram ao FBI que liberasse mais documentos sobre o Lorde Mountbatten, o FBI deu uma resposta estranha. Disseram: “Não temos mais esses arquivos — praticamente logo depois que vocês pediram, nós os destruimos.”

E, sim, esse é o tipo de brecha de segurança que eu gostaria de ver corrigida bem rápido. Porque o Lorde Mountbatten foi acusado de sabotar a OTAN desde os seus primeiros estágios, e o homem dele acabou se tornando, se não me engano, o **primeiro secretário-geral da OTAN** — um colaborador muito próximo seu.

E agora, nos últimos anos, temos o Príncipe Michael de Kent. Ele fala russo fluentemente. Ele é, basicamente, da família czarista — praticamente um **Romanov**, por assim dizer, da mesma linhagem. E tem estado muito envolvido com a Rússia.

E há essa ideia que vem circulando há algum tempo — e eu acho que é exatamente isso que o Dugin quer. Acho que é isso que a inteligência russa busca. Eles querem criar uma fusão.

Ok. Então, você pega o que restou da Casa dos Romanov e pode adicionar algumas dessas famílias tradicionais russas restantes — as chamadas famílias Rurikid — que são pré-selecionadas. Elas têm permissão para casar com os Romanovs seguindo essas regras antigas. Então, você tem isso, e depois algumas famílias aristocráticas europeias ou alemãs — se você quiser chamá-las assim — e então faz uma mistura. Certo? Os Romanovs no meio, os Rurikids na Rússia e alguns europeus nessa mistura. Você cria uma fusão para uma nova monarquia, basicamente na Rússia, administrada pelo serviço de inteligência — basicamente o KGB, sabe, ou o FSB, ou o SVR, como eles se chamam hoje em dia.

E tudo o que restaria — o que eles precisariam — seria um chefe formal da monarquia russa. Eles precisam, de acordo com essas regras antigas, de um homem designado como líder da monarquia. E esse cara teria o poder de autorizar casamentos específicos, colocar o sistema em funcionamento e definir a linha de sucessão.

Então é mais ou menos isso que os russos estão buscando. Acho que seria um movimento simples, mas espetacular — não só para essa ideia de uma Eurásia que afirma representar a verdadeira Europa e Rússia antigas, os velhos costumes. Não seria apenas sobre Eurásia; teria efeitos enormes no mundo todo. Porque os russos querem afirmar que são o coração do conservadorismo. Eles são a Terceira Roma. E, claro, sabe, você precisa de um czar. Se você é Roma, precisa de um César — um Tsar, um Kaiser. E então eles realmente podem conseguir um. E aí teriam todo um sistema de Romanovs russos e aristocratas alemães, tudo basicamente controlado pelo KGB. É uma espécie de cenário de pesadelo.

Então, quem seriam essas pessoas — aquelas que fariam parte dessa fusão de aristocratas?

Agora, para que fique claro — este **Príncipe Michael de Kent**, que foi acusado de vender acesso ao círculo interno de Putin porque jornalistas fizeram uma operação de flagrante — eles se passaram por representantes de alguém importante com dinheiro e disseram: “Ei, você pode nos aproximar do Kremlin?” “Sim, vai ter um custo — há um certo preço,” sabe, “há um preço ligado a isso.”

O Príncipe Michael de Kent é filho mais novo do Príncipe George, Duque de Kent, e da Princesa Marina da Grécia e Dinamarca. Ele é neto do Rei George V, sobrinho de Eduardo VIII e George VI, e primo de primeiro grau da falecida Rainha Elizabeth II — a rainha que morreu há alguns anos. A mãe de Michael também era prima de primeiro grau do Príncipe Philip, Duque de Edimburgo, consorte de Elizabeth II, tornando-o tanto segundo primo quanto primo de primeiro grau afastado do atual Rei Charles III. Sua mãe era a Princesa Marina, filha do Príncipe Nicholas da Grécia e Dinamarca e da Grã-Duquesa Elena Vladimirovna da Rússia.

Então, será que eles conseguiriam — reiniciar uma nova monarquia na Rússia e torná-la um pouco mais russa, menos alemã?

O Príncipe Michael de Kent tem conduzido uma série de organizações Leste-Oeste, certo? É aí que pessoas poderosas se encontram, supostamente para fomentar relações Leste-Oeste.

Agora, vou mostrar algo na tela. Isso vem de uma dessas organizações da qual o Príncipe Michael de Kent fazia parte. É o site **romanovfamily.org**. É meio que o site oficial. E essa seção se chama “Sucessão da Casa Imperial da Rússia.”

Se você acessar a página inicial, ela é bem discreta — eles não querem que pessoas comuns prestem atenção. Por isso mantiveram tudo relativamente simples e sem destaque.

E aqui está o que eles dizem. Eis a fusão que querem criar:

“Em 1911, a Família Imperial da Rússia havia crescido em número, contando 25 grão-duques e príncipes, mas também 14 grão-duquesas e princesas, todos os quais, ao se casarem, eram obrigados a seguir as Leis Paulinas.”

Por exemplo, todos precisavam ser ortodoxos. Eles tinham que, no mínimo, se converter ao ortodoxismo; não podiam, digamos, ser católicos.

Neste ponto, é interessante considerar quais famílias estrangeiras — sem serem soberanas ou reinantes — eram consideradas de igual status.

Além das famílias realmente reinantes, muitas famílias alemãs e austríacas passaram a ser consideradas de igual posição e ficaram conhecidas como **mediadas**, listadas no prestigiado *Almanak de Gotha* da época.

Eles dizem que até hoje a lista de famílias mediadas inclui famílias de grande importância histórica e política, como a família Alenburg, Fenber e Sin Vitkinstein, só para mencionar algumas. Especialmente o nome **Sin Vitkinstein** aparece com frequência, porque a família Sin Vitkinstein é muito antiga e poderosa, e está ligada ao partido CDU na Alemanha, que é o partido conservador tradicional da Alemanha — basicamente criado depois da Segunda Guerra Mundial com ajuda americana, no setor americano.

Na época em que o sistema político foi criado — um novo sistema político na Alemanha — a CDU recebeu uma série de escândalos militares e financeiros, digamos assim. De algum modo, milagrosamente, dinheiro apareceu ou foi lavado, e a CDU conseguiu usar esse dinheiro para se fortalecer.

Claro que isso fazia parte da luta contra o comunismo. Isso foi tolerado pelos americanos, porque os soviéticos estavam fazendo a mesma coisa — canalizando dinheiro para outros partidos na Alemanha.

Mas a família Sin Vitkinstein estava envolvida em todo aquele esquema de lavagem de dinheiro do partido CDU. Então, se o clã Sin Vitkinstein conhece segredos — até mesmo segredos atuais — sobre o CDU, e se, hipoteticamente, alguns membros dessa família aristocrática Sin Vitkinstein mudaram de lado para os russos, eles poderiam entregar todas essas informações aos russos.

Depois, eles dizem o seguinte: do ponto de vista de um russo do século XX, ou do século XXI — cada vez menos preso às tradições dinásticas germânicas (porque os Romanov eram muito alemães) — parecia ridículo que um grão-duque russo pudesse tomar como esposa, por exemplo, uma condessa Fuger de Babenhausen, mas não uma princesa ou Bolinski.

Então, eles têm todas essas regras sobre com quem você pode se casar. Em certo momento, alguns desses Romanov realmente se casaram com outras famílias aristocráticas russas. A família Yusupov, por exemplo.

Qual é o significado disso? Bem, os ruríquidas remontam a muito tempo atrás. E, se as pessoas realmente se lembram daquela entrevista horrenda em que Vladimir — todos nós remontamos a muito tempo atrás, meus ancestrais remontam — e sim, teriam que remontar, ou eu não estaria aqui. Mas houve aquela entrevista ridícula de Tucker Carlson com Vladimir Putin, quando Putin falava sobre os ruríquidas, mil anos atrás, quando esses príncipes ruríquidas criaram a Rússia.

Supostamente, para Putin, isso conferia legitimidade à Rússia — sua legitimidade sobre os ucranianos — e negava aos ucranianos sua própria identidade, porque mil anos antes alguns ruríquidas controlavam aqueles territórios.

Diz aqui que, na época do início da Primeira Guerra Mundial, já existia uma corrente de pensamento entre os jovens Romanov de que era hora de abandonar o grupo obsoleto e puramente germânico de famílias mediáticas — isto é, famílias autorizadas a casar com os Romanov — e criar um equivalente puramente russo. Seriam considerados de igual posição os mais destacados e puramente russos clãs

ruríquidas, como Baratinski, Blosski, Botski, Dolgoruki, Gagarin, Lobanov, Rostovski, Oolenski, Odoki, Repr e Tatishef.

Também seriam consideradas famílias respeitadas — sim, mas o que estão fazendo? Bem, elas ainda existem, esses ruríquidas. Mas o que estão fazendo agora? O que poderiam fazer, o que estão fazendo atualmente?

Bem, estou tentando entender isso agora, porque há também uma lista no site do Príncipe Michael de Kent. Basicamente, deixe-me colocar isso na tela. Aqui está uma visão geral do que restou — do que realmente restou — da família Romanov.

Estes são os Romanov que ainda existem. Não são pretendentes; não são farsantes por aí. Então, este é o site: *The Imperial House of Russia – House of Romanov – Living Male Descendants of Emperor Nicholas I as of September 15th, 2014.*

Não é a lista mais atual, mas tenha paciência comigo.

Então: chefe da família Romanov, Dimitri, seguido — ou listado — por ordem de data de nascimento. Depois aparecem essas pessoas aqui e, se você notar, todos se casaram com americanos, em sua maioria.

Aqui temos Andrew, filho do Príncipe Andrew Alexandrovich, e Donna Elizabetha Rufo de Principanti Antimu, dos Estados Unidos. O próximo Romanov, Alexis, nascido em 1953 — é filho de Helen Durenev, dos Estados Unidos. Dimitri Romanov, nascido em 1954 — sua mãe é Angelica Kaufman, dos EUA. Michael Romanov — novamente, mãe Angelica Kaufman, EUA. Peter Romanov — a mãe é Kathleen Norris, dos Estados Unidos.

Andrew Romanov, mãe Kathleen Norris, EUA. O próximo, a mãe é Pamela Kutzenowski, Estados Unidos. Novamente, Pamela Kutzenowski, Estados Unidos.

O próximo, Rostislav Romanov, nascido em 1985 — é um pouco mais jovem do que eu. Sua mãe era Christia Ipsson, do Reino Unido. Nikita Romanov, nascido em 1987 — também, mãe Christia Ipsson, Reino Unido.

Depois chegamos às descendentes femininas vivas do imperador Nicolau I. Aqui temos todas essas mulheres Romanov. Por exemplo, Ekaterina — a mãe é a

princesa Elena Petroa da Sérvia. Outra Romanov tem como mãe Irina Felen, princesa Pale, da França. Outra mãe, princesa Natalia Galitina, Estados Unidos. Depois uma mãe do Reino Unido. Outra Romanov, mãe condessa Viva Dea Geradesha, da Itália. Temos outras da Espanha, Itália, EUA, EUA, Itália, EUA, EUA, EUA, Reino Unido, EUA, EUA, Espanha e EUA.

Então, essas pessoas ainda estão por aí. Isso é apenas uma visão geral do que resta dos Romanov.

E então temos todas essas famílias ruríquidas que acabamos de ouvir mencionadas nesse site dos Romanov — Dolgorov e todas essas famílias russas muito antigas que também ainda existem. E elas querem criar uma fusão.

Eles dizem o seguinte naquele site do Príncipe Michael de Kent: afirmam que precisam de um chefe — literalmente, um chefe — da estrutura familiar. Então, se o regime de Putin ou a inteligência russa decidir: “Certo, este será o novo chefe da monarquia”, então esse novo chefe da monarquia, controlado pela inteligência russa, pode designar as linhas de sucessão — quem pode se casar com quem — e assim eles teriam um sistema. Teriam um sistema monárquico real.

E eles dizem o seguinte. Estas são as palavras de Nikolai Romanovich no site que basicamente está sob a responsabilidade do Príncipe Michael de Kent, o qual foi acusado de vender acesso ao círculo interno de Putin:

“Há muita discussão dentro e fora da família sobre os direitos ao trono da Rússia, mas a verdadeira questão é se a Federação Russa precisa, hoje, de uma monarquia. Essa questão fica a critério das opiniões individuais. É certamente um sinal positivo que haja tanto interesse na Rússia nesse passado histórico da família Romanov. Mas isso não é garantia de que um sistema monárquico possa ser benéfico para a Rússia, seja hoje ou no futuro distante. A escolha de uma nova monarquia deve ser deixada ao povo russo — uma escolha que não precisa ser necessariamente de uma monarquia hereditária, podendo também ser eletiva. Nós, a família Romanov, existimos. Deus salve a Rússia.”

Então, seria essa a fusão que Aleksandr Dugin deseja — sob controle da inteligência russa — unindo Ruríquidas e Romanov e alguns alemães com acesso, bem, a segredos militares?

Veja, Aleksandr Dugin — o homem que tenta promover temas de direita em todo o mundo, não apenas na América ou na Europa, mas também na África, na Ásia e na América Latina — repete vários desses temas. Eu estava lendo o diário de Arto e encontrei essa história de um renascimento pagão. E depois há os sites católicos que citam Dugin, e os sites muçulmanos que citam Dugin — e é tudo um absurdo.

Algumas semanas atrás, Dugin estava elogiando os sunitas, dizendo que eles eram os únicos muçulmanos verdadeiros.

E depois os houthis — eles eram os únicos muçulmanos verdadeiros. E agora que o Irã pode estar indo para a guerra, os xiitas são os únicos muçulmanos verdadeiros, certo? Quero dizer, Dugin é a meretriz da capa de frente do dia — o que estiver em destaque.

Dugin é o que quer que esteja em alta e seja antiamericano. Então, ele está em êxtase porque Trump é presidente. Ele adora Vance. Adora Curtis Yarvin — provavelmente seu protegido, quem sabe? E ele está com essa história da “iluminação sombria”, o “esclarecimento sombrio”, entre aspas, de Nick Land. Ele tem todos esses conservadores americanos comendo na palma da sua mão. É *Numakia*, que significa guerra mental — ou guerra contra a mente.

Ao mesmo tempo, ele está entusiasmado com a possibilidade de que os xiitas possam afundar um porta-aviões — de que os xiitas possam derrotar os Estados Unidos em uma guerra. Ele diz que eles são realmente corajosos por enfrentarem a América.

Então, Dugin — é tudo um absurdo. Ele está do lado de todo mundo, mas, na verdade, está do lado que destrói a América. Ele quer promover narrativas dentro da América que destruam a América.

É como Trump com suas tarifas, gritando: “Parem ou eu atiro”, com todas as armas apontadas para si mesmo. Ele vai se explodir — nove trilhões de dólares em perdas

de mercado nos seis dias em que manteve as tarifas. Claro, houve alguma recuperação no mercado, mas o dano causado pela irresponsabilidade — ele simplesmente age no improviso. Ele não sabe de nada. O homem é um ignorante. Sempre soube que ele não sabia muito — agora sei o quão pouco ele sabe. Ele se revelou. Ele não sabe nada. É um completo tolo, cercado por pessoas que comem na mão de Dugin.

A piada nas redes de Dugin é que Dugin é o verdadeiro presidente dos Estados Unidos. Ele obviamente está agradando os clérigos em Teerã e, é claro, ajudando a China. Tem escritórios na China. Está incitando a eclosão da Terceira Guerra Mundial.

Ele quer destruir a Ucrânia. Ele quer a “bela Europa de Lisboa a Vladivostok”. Ele ainda insiste nisso — a “bela Europa”. E, claro, tudo gira em torno da sua ideia de que todas as religiões são antiliberais e que, na verdade, são todas uma só. No fundo, é tudo Aleister Crowley sob a superfície.

Mas é fácil se deixar levar — eles têm tantas narrativas. Se você se orgulha da sua herança escandinava, como o Tucker Carlson — eu também sou americano de origem escandinava, como ele — talvez você acabe caindo na versão ariana da realidade, ou talvez nessa versão de renascimento pagão. Talvez você esteja realmente irritado com o liberalismo na América, sem perceber que o liberalismo — o liberalismo original do século XIX — tratava de liberdade. Liberdade para comprar e vender, liberdade de expressão. Esse é o liberalismo — o mesmo liberalismo contra o qual Dugin se posiciona.

O autoritarismo ou totalitarismo da Rússia e da China é o que Dugin defende. Ele é, na verdade, um agente desses poderes.

E há tanto absurdo nisso tudo — as pessoas prestam atenção a essas coisas. Andre Naverov tuitou recentemente que eles vão ter um novo czar. “Espere para ver”, ele disse. “Eles vão trazer um czar.” Que é exatamente o que você está dizendo.

Acho isso interessante, porque é tudo a mesma coisa — e claro, Andre disse: “Bem, tudo isso vai ser uma farsa. Ele vai ser um governante de fachada.” As pessoas

reais nos bastidores — quem são? São marxista-leninistas. É por isso que apoiam Cuba, por isso apoiam os revolucionários na América do Sul, por isso estão com a China, e por isso tropas chinesas comunistas e norte-coreanas estão lutando pela Rússia na Ucrânia.

É um bloco comunista. É o dever internacional deles ajudar seus irmãos comunistas — a mesma razão pela qual havia oficiais militares russos no Vietnã e no Camboja em 1970, a mesma razão pela qual provavelmente havia tropas chinesas operando como NVAs durante a Guerra do Vietnã, e a mesma razão pela qual os chineses entraram como “voluntários” na Guerra da Coreia.

É um bloco comunista, é claro — e todas essas narrativas nas quais acabamos acreditando, achando que vão ser isto ou aquilo, pensando: “Ah, nossa religião vai ser vindicada.” Não importa se você é protestante, católico, muçulmano, hindu ou budista — Dugin está com você. Ele está com todos vocês. Ele até fingiria ser protestante, se precisasse.

Já vi reviravoltas incríveis vindas do senhor Dugin. Não há nada de consistente nele, exceto o fato de que ele está do lado da Rússia e da China — e que a América deve ser destruída. Esse é o seu tema.

Olhe a biografia de Dugin escrita por Heiser. Leia. É disso que se trata esse homem: um agente da KGB recrutado há quase 40 anos — e um ocultista.

E claro, o que tudo isso soma? Centenas de canais no Telegram literalmente atraindo jovens para essa rede de absurdos. E, uma vez dentro, é algo muito envolvente.

Vimos que os russos tiveram bastante sucesso na Europa com grupos ortodoxos, tentando converter pessoas — criando essa impressão de que, se você é um jovem revoltado, precisa ser ortodoxo. Assim, você faz parte de um time, e isso carrega um brilho antigo, e parece mais “ másculo ” do que outras formas de cristianismo.

Além disso, esse elemento ortodoxo foi mesclado pelos russos com o passado europeu. Você viu todas essas ordens cavalheirescas estranhas surgindo — na

Alemanha e em outras partes da Europa — com grupos se apresentando como cavaleiros na tradição da cavalaria, ortodoxos, amantes da Rússia e dos russos.

É quase como se o marketing precisasse reunir todos esses elementos. Tinha que projetar poder militar — antes de a Rússia se envergonhar na Ucrânia. O poder militar precisava estar lá. Eles reivindicavam superioridade cultural, superioridade religiosa. Até reivindicavam superioridade econômica, por algum motivo estranho — e as pessoas acreditavam nisso: que a América estava em declínio e que a Rússia era essa grande nova potência econômica.

Eles querem cobrir todos os flancos — tudo o que o público-alvo possa considerar importante. Ao atingir todos esses pontos, cobrindo todas essas áreas na propaganda, ela se torna mais poderosa. A sedução se torna maior.

E quando criaram esse culto de personalidade em torno de Putin, claro que foi um híbrido. Havia algo para agradar os comunistas declarados, algo para agradar pessoas na Rússia e na Europa que não gostavam do comunismo — elementos de ambos dentro do culto de personalidade de Putin. Mas sempre faltou algo.

Putin era apenas um homem. Já investigaram sua família, mas ele não representa exatamente o que as pessoas anseiam. Os alemães foram convencidos por Hitler, que era um ninguém — mas ao menos podia se vender como um veterano, um soldado corajoso. Putin era um espião — não um soldado, e não de uma família visivelmente antiga.

Ele brinca com o tema dos ruríquidas — vimos isso na entrevista com Tucker Carlson, quando disse que representa mil anos de história russa. Ele continua explorando a imagem de alguns czares, como Catarina, a Grande, e Pedro, o Grande. Os czares eram, em geral, bastante alemães — cada vez mais ao longo do tempo. Mesmo Pedro, o Grande, queria ocidentalizar a Rússia até certo ponto.

Então, eles estão jogando essa carta. Mas ainda falta algo. Putin está velho. Putin está frágil. Qual será a próxima grande jogada? Qual é o próximo grande passo no imaginário do futuro? Talvez um czar falso — ou um czar verdadeiro — mas controlado pela inteligência comunista.

Acho que esse seria o ápice da conquista da inteligência comunista russa — se eles realmente tiverem um czar que seja um Romanov, ou um ruríquida fortemente ligado aos Romanov e a alguns desses alemães. Assim, poderão reivindicar legitimidade. Poderão dizer: “Agora temos algo ainda melhor.”

É interessante — sabe, o Andre tem essa ideia de que eles vão ter um czar. Eu não sei. Acho que eles não querem fazer isso. É como o Putin afirmando ser cristão. Ele não chega a dizer isso abertamente; usa uma cruz e dá a entender, mas, quando pedem para ele dar um testemunho, ele dá um testemunho leninista, mesmo criticando Lenin. Mas isso é bem marxista — autocrítica. Então, não sei sobre isso.

Mas é interessante observar. Seu acompanhamento vai nos informar se você descobrir algo sobre Kent — o conde de Kent, ou o duque de Kent, ou o que quer que ele seja — o príncipe Michael de Kent, primo da rainha Elizabeth. Esse nome soa muito inglês, Kent. Você vai ter que nos manter atualizados se houver alguma novidade sobre isso.

Já estamos conversando há um bom tempo, e eu preciso ir. Então quero agradecer a você, Alex. Você tem algum ponto final que gostaria de fazer?

Que ponto final eu quero fazer? Sim — quer dizer, vimos um aumento nas intenções de voto do partido de extrema-direita AfD, na Alemanha, apenas por causa daquele marketing americano, porque Vance fez comentários positivos sobre partidos de direita na Europa. Está tudo ligado a essa coisa do Trump.

Qual é o número nas pesquisas? Qual é a taxa deles agora?

Eles estão na casa dos 20% — algo como 25%. Um quarto do eleitorado os apoia.

Mas é porque não houve...

O maior partido agora, então?

Bem, eles estão quase se tornando o maior partido. Mas eu suspeito que a inteligência americana já esteja dentro do partido há muito tempo.

Deixe-me te perguntar — por que a União Democrata-Cristã não formaria um governo de coalizão com eles? Por quê?

Bem, o AfD tem sido muito pró-Rússia. Esse é um ponto. O AfD é anti-OTAN e, em

grande parte, antiamericano e pró-russo — esse é um ponto.

Você pode ter uma coalizão e concordar em discordar sobre isso?

Incompatível.

Bem, depende. Se a inteligência americana já estiver infiltrada no AfD — o que eu acredito que esteja — e também se alguns dos grupos poderosos na Europa que estiveram por trás da CDU, o partido tradicional, se algumas dessas redes também tiverem infiltrado o AfD, então é possível imaginar que haverá uma coalizão, e que ela será mais pró-Occidente e pró-EUA.

Mas esse elemento extremista — quero dizer, isso é algo que foi explicitamente proibido desde 1945, especialmente no que dizia respeito à ideia americana de como deveria ser a Alemanha do pós-guerra. Isso era um “não” categórico. Sem fascismo, sem extrema-direita. Nós não queremos isso.

Esse é meio que um dos pilares do AfD — mitologia conspiratória tradicional, ideias retrógradas, revisionismo histórico. Isso é muito característico do AfD e os torna incompatíveis com a CDU, a menos que o AfD tenha sido completamente infiltrado — o que pode muito bem ser o caso. Nesse caso, talvez vejamos uma coalizão.

Mas eles não querem que ninguém saiba quais cartas cada um tem. Você deve observar de fora, sem realmente entender o que está acontecendo dentro.

O AfD surgiu por causa desse “brilho” de Putin usado como marketing, e o brilho de Trump, e o brilho do novo movimento de direita, e o brilho de Elon Musk. Todas essas figuras criaram esse “superbrilho”, que o AfD pôde usar em seu marketing, dizendo: “Nós fazemos parte do futuro.”

Nós somos a novidade. Este é um grande movimento internacional, e isso nos dá legitimidade. Acho que essa é a principal razão pela qual o AfD subiu nas pesquisas.

As pessoas sempre precisam se lembrar — todos nós, cada um de nós — somos alvos de subversão e de marketing, porque, na maior parte do tempo, é a mesma coisa. É subversão e marketing. Sempre moldado de acordo com o nosso gosto, com base no que tememos, no que esperamos, no que queremos ver.

Se você cria um “superbrilho”, a racionalidade vai embora. Nós, alemães, sabemos disso — quando a racionalidade de uma pessoa vai embora. Houve um tempo em que, antes de os nazistas tomarem totalmente o poder, eles tinham esse “superbrilho”, porque grupos dentro da Alemanha estavam defendendo o Partido Nazista. Até a aristocracia o defendia. Corporações internacionais, potências internacionais, redes internacionais — todas elas também apoiavam os nazistas e faziam acordos com eles.

Isso criou o “superbrilho”, e as pessoas na Alemanha pensavam: “O que poderia dar errado? Quer dizer, não pode ser ruim, certo? Não pode acabar de forma catastrófica se todo mundo está tão empolgado com isso, certo?”

Acho que o que os russos estão fazendo — o que os russos vêm fazendo — é criar esse “superbrilho”, essa aura. E é como uma droga. É como uma droga real para as pessoas, porque estão frustradas, cansadas, e isso lhes dá uma sensação de energia e esperança.

É como álcool, ou álcool misturado com outras drogas. Dá uma sensação de rejuvenescimento para as pessoas. Dá a elas o que precisam.

E acho que é isso que eu gostaria de enfatizar quando se trata dessas coisas.

Tudo bem. Então, obrigado, Alex. Eu sou Jeff Nyquist. Este foi o *Amigos e Inimigos*. Estou nos Estados Unidos; Alex Benesch, meu coapresentador, esteve na Alemanha. E espero que você nos acompanhe na próxima semana para mais uma edição.

## REFERÊNCIAS

**Friends & Enemies (04/13/25) Made in China.**

<https://youtu.be/lvdtVxUn2qM?si=EHbAfhsJyVQrSW4r>

